

O QUE COMEÇA NA SOCIEDADE, PARA ELA DEVE RETORNAR: A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA POR MEIO DE UM *SITE* SOBRE SOCIOLINGUÍSTICA

Thayane Santos Antunes
Doutoranda em Letras (Linguística)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
antunes.thay@gmail.com

RESUMO

Saussure (1916) já nos indicava que a tarefa do linguista deveria ser a de dissipar preconceitos e ideias errôneas sobre a língua. Com o advento da Sociolinguística, essa função começou a se desenvolver, mas não o suficiente para atingir grande parte da população, como nos provou a polêmica do livro didático “Por uma vida melhor”, ocorrida em 2011. Com base no princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988), no princípio de gratuidade linguística de Wolfram (1998) e na ideia do linguista como agente de mudança social proposta por Charity (2008), buscamos, neste artigo, discutir a respeito da importância da popularização da ciência e do papel da pós-graduação nesse panorama. Ademais, apresentamos um trabalho que objetivou promover um diálogo entre academia e sociedade, divulgando conceitos sociolinguísticos por meio de um *site* que disponibiliza materiais diversos, no intuito de promover o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: popularização da ciência, sociolinguística, preconceito linguístico, *website*, princípio de indissociabilidade.

ABSTRACT

Saussure (1916) already indicated that the linguist's task should be to dispel misconceptions and wrong ideas about language. With the advent of Sociolinguistics, this function began to be developed, but not enough to reach a large part of the population, as the controversy of the schoolbook “Por uma vida melhor” in 2011 has proved. Making use as our basis of the indivisibility principle between teaching, research and extension (BRASIL, 1988), Wolfram's (1998) linguistic gratuity principle and the idea of the linguists as agents for social change proposed by Charity (2008), this article aims to discuss the importance of the popularization of science and the postgraduation role in this scenario. In addition, we present a project (ANTUNES, 2015) that aimed to promote a dialogue between academy and society, disseminating sociolinguistic concepts through a *website* which offers a variety of materials, to promote the fight against linguistic discrimination.

Keywords: science popularization, sociolinguistics, linguistic discrimination, *website*, indivisibility principle.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a informação e o conhecimento estão à disposição para os usuários que quiserem acessar conteúdos. Ainda assim, muitos obstáculos aparecem quando tratamos de popularização da ciência. As pesquisas e conhecimentos sociolinguísticos ainda se concentram, em sua maioria, em teses, dissertações, artigos e livros voltados única e exclusivamente para um público acadêmico ou interessados pela área.

No Brasil, isso começou a mudar, principalmente, com publicação das obras de Bagno (1997; 1999), que buscavam uma comunicação mais direta e acessível ao público em geral, que não possui o hábito de buscar informações sobre temas linguísticos e acadêmicos. Entretanto, 20 anos após a publicação de “A língua de Eulália”, obra que apresenta o ineditismo de narrar uma novela sociolinguística, o tema ainda não pode ser considerado de alcance geral, como nos provam a polêmica do livro didático “Por uma vida melhor”, ocorrida em 2011, e os diversos casos de preconceito linguístico presenciados no cotidiano da população e nas grandes mídiasⁱ.

A noção de que é necessária uma comunicação entre o linguista e sociedade de modo a dissipar preconceitos e a influenciar no pensamento crítico vem desde Saussure (1916), mas somente com o surgimento da Sociolinguística, com Labov, na década de 1960, essa tarefa se consolidou. A partir de então, outros autores passaram a considerar essa uma obrigação do pesquisador, como Wolfram (1998), que determina em seu princípio de gratuidade linguística que o linguista deve sempre retornar os resultados de seus trabalhos à

comunidade que forneceu bases para sua pesquisa. Charity (2008), por sua vez, afirma que é papel do linguista ser um agente de mudança social, influenciando no pensamento crítico das pessoas e provocando, assim, uma mudança positiva na sociedade.

Compreendemos, portanto, que o dever do linguista é buscar uma ponte de comunicação com o público não-acadêmico, de modo a não só apresentar os resultados de suas pesquisas, mas também interferir no cotidiano desse público. Diante disso, alguns questionamentos devem ser feitos:

- O que nós, pesquisadores, estamos fazendo para melhorar esse quadro?
- Como realizar trabalhos que envolvam uma divulgação científica eficiente?
- Qual é o papel dos cursos de pós-graduação na formação de pesquisadores engajados nessa tarefa?

O presente artigo se propõe a esmiuçar essas questões e buscar suas respostas. Começaremos apresentando algumas de nossas bases teóricas, com foco no princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, avaliando, em seguida, se esse princípio tem sido cumprido nos cursos de pós-graduação. Partiremos para uma discussão a respeito do que é tradicionalmente esperado dos trabalhos de conclusão desses cursos e, por fim, apresentaremos um trabalho de conclusão de curso de mestrado realizado com o intuito de atender ao que o princípio supracitado exige, promovendo uma divulgação científica acessível e eficiente, além de incitar um pensamento crítico a respeito da língua e novas visões sobre as variedades linguísticas.

1. A NECESSIDADE DA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Saussure (1977 [1916]) já afirmava que a Linguística deveria se preocupar com questões sociais e com a denúncia e a dissipação de ideias errôneas sobre a língua. Entretanto, esse ideal parece ter se perdido com o tempo, tendo sido deixado de lado por muitos linguistas. Foi somente com o surgimento dos estudos da Sociolinguística Variacionista que esse papel começou a ser repensado, e a Linguística passou a ter relação direta com as ações sociais. Um dos pioneiros nessa área foi William Labov que iniciou suas pesquisas na década de 1960 e, a partir de suas observações, buscou analisar a língua, levando em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais, culturais e psíquicos). Assim como Saussure, Labov acreditava que a Linguística deveria ser uma ciência que envolvesse o social e que, assim, poderia intervir na sociedade e desmistificar os preconceitos a respeito das variedades linguísticas e os valores atribuídos a elas.

Com base nas visões apresentadas por Saussure e, posteriormente, por Labov, podemos concluir que a intenção principal da (Socio)Linguística deve ser a de interferir no mundo, na sociedade. Uma proposta que corrobora essa ideia é a de Wolfram (1998), que propõe o princípio da gratuidade linguística, segundo o qual os linguistas devem retornar favores à comunidade na qual suas pesquisas foram realizadas. Para o autor, uma vez que a motivação de toda pesquisa Sociolinguística parte da sociedade, nada seria mais natural do que tornar a comunidade de fala co-participante dessa pesquisa, retornando a ela os resultados encontrados de modo a beneficiá-la.

Ainda no mesmo caminho, temos Charity (2008), que propõe que os linguistas sejam "agentes de mudança social". A autora aponta a importância do papel do linguista na sociedade, principalmente no que concerne à produção de conhecimentos sobre a língua para aqueles que não têm acesso a essas informações em seu dia-a-dia.

Todas essas ideias podem ser resumidas em uma só: a noção de que é necessário que o linguista vá além dos muros da universidade e leve o conhecimento àqueles que, por motivos diversos, não podem ter esse acesso. As propostas de Charity e Wolfram incentivam uma união entre pesquisadores, professores e a comunidade, promovendo uma circulação do conhecimento ampla e eficaz. Essa idealização, entretanto, não encontra respaldo somente nos trabalhos desses pesquisadores, sendo uma obrigação das universidades brasileiras, que – teoricamente – trabalham sob o regimento do princípio de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Esse princípio determina que todas as ações de uma universidade devem ser pensadas para atender às demandas dos três âmbitos, promovendo uma interação entre eles. Encontramos referência a esse princípio em diversos documentos oficiais, sendo o mais importante deles o artigo 207 da Constituição Federal Brasileira, que indica que todas as universidades deverão obedecê-lo (BRASIL, 1988). Em outras palavras: de acordo com a Constituição de nosso país, respeitar a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão (doravante EPE) não se trata de algo opcional. Ao contrário, é uma obrigação à qual todas as universidades brasileiras devem obedecer.

A necessidade de concretização do princípio de indissociabilidade entre EPE pode ser percebida se observarmos a relação atual entre universidade e sociedade: os conhecimentos desenvolvidos, geralmente, não são levados ao público, muito embora, em algumas situações, as motivações para que tenham sido descobertos tenham vindo de situações e problemas cotidianos. Frequentemente, a universidade parece ignorar o fato de que, além de fazer parte da sociedade, tem ainda obrigação de contribuir para a divulgação de informações e para que haja sempre um diálogo entre aqueles que estão dentro e os que estão fora do meio acadêmico.

No caso da Sociolinguística, um exemplo da necessidade desse diálogo está no caso do livro didático rechaçado pela imprensa e pela população em 2011ⁱⁱ devido ao seu conteúdo ser considerado como um "ensino do errado", que nada mais era do que um tópico abordando temas já muito discutidos nos cursos de Letras e de Linguística: variação linguística e preconceito linguístico. Embora já existam no Brasil pesquisas na área de Sociolinguística desde a década de 1970, a maioria da sociedade brasileira sequer ouvira falar do assunto quando o livro em questão foi lançado.

Essa polêmica que tomou conta da mídia brasileira na época serviu para demonstrar que ainda há muito a se fazer em relação à popularização da ciência. Há centenas de artigos, publicações e livros sobre Sociolinguística, porém, a grande maioria deles é voltada somente para aqueles que já conhecem o assunto e desejam se aprofundar em pesquisas sobre o tema. Os princípios e conceitos abordados seriam uma maneira de realizar o diálogo tão necessário entre sociedade e academia, ao promover não somente as pesquisas científicas

na área (o que já ocorre com muito êxito), mas também, a chegada desses conhecimentos à escola por meio do ensino e a ampliação de seu alcance para toda a sociedade, a partir do desenvolvimento de projetos de extensão.

2. O PAPEL DA PÓS-GRADUAÇÃO NA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Embora fique claro na Constituição que o objetivo é que toda a universidade obedeça ao princípio de indissociabilidade entre EPE, as tradições na pós-graduação muitas vezes não permitem que o ensino e a extensão sejam parte do trabalho realizado. Um dos motivos para isso é que o âmbito pesquisa é mais privilegiado no meio acadêmico devido ao sistema da universidade, que criou a tradição de que trabalhos que objetivam a divulgação a um público não-acadêmico possuem menos valor do que aqueles que contribuem diretamente com o desenvolvimento do conhecimento dentro da academia, segundo apontam Rocha e Deusdará (2011).

De acordo com os autores, a própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão que avalia os cursos de pós-graduação brasileiros, dá muito mais valor a trabalhos cujo foco está na pesquisa, sem qualquer obrigação de presença do ensino ou da extensão. Com essa visão sendo a predominante, a pesquisa é supervalorizada em detrimento do ensino e da extensão.

Com base nessas proposições, podemos criar uma hipótese para o motivo de parecer tão difícil realizar um trabalho que una ensino, pesquisa e extensão na pós-graduação: as atividades dos professores são regidas pelas regras da CAPES, que determinam o que vale mais ou menos pontos, e, assim, qual será a nota que o Programa receberá. Se as atividades voltadas para extensão e ensino não são valorizadas ou cobradas, dificilmente o professor deixará de se dedicar a atividades de pesquisa para realizar outra ação relacionada aos outros campos, pois isso não renderá tantos pontos para seu programa.

Devido a essa problemática, a ocorrência de atividades que sigam o princípio de indissociabilidade na pós-graduação está longe de ser a ideal. Para mudar esse panorama, foi criado pelo MEC, no ano de 2009, o mestrado profissional, que visa a aprimorar a formação de professores de ensino fundamental de diversas áreas.

Esse novo tipo de mestrado surgiu como uma alternativa ao mestrado chamado acadêmico, que é voltado para pesquisa e para a produção final de uma dissertação. No que concerne ao que é exigido como trabalho de conclusão de curso, o mestrado profissional apresenta uma inovação: de acordo com a portaria normativa de número 17 do MEC (2009), a dissertação passa a não ser mais a única opção de trabalho de conclusão de curso, mas uma das diversas alternativas dentre as quais o aluno poderá escolher a que melhor se adequaria ao seu trabalho.

Essa novidade permite que trabalhos voltados para o ensino ou para a extensão possam ser apresentados, o que vislumbra uma nova maneira de se compreender o

mestrado, não somente como um curso cujo objetivo é a produção de saberes científicos restritos à comunidade acadêmica, mas, também, como uma oportunidade de se cumprir o princípio de indissociabilidade e realizar uma interação entre academia e sociedade, resultando na popularização da ciência.

Entretanto, ocorreu uma divergência entre o que é exigido como trabalho de conclusão pela portaria supracitada e o que é aceito como tal pelo Regimento do Programa de Mestrado Profissional em Letras (2012): enquanto o primeiro oferece alternativas diversas para a realização do trabalho final, o segundo exige do mestrando uma apresentação escrita sobre resultados de uma determinada atividade, modelo muito similar ao que estamos acostumados a presenciar no mestrado acadêmico.

Seria apropriado imaginar que essa divergência se deve à supervalorização já citada da pesquisa sobre os outros âmbitos, o que torna difícil a implantação de mudanças em um tipo de modelo já consagrado. Ao se propor um projeto como o mestrado profissional, que rompe com uma tradição nos cursos de pós-graduação, acredita-se que essa proposta não seja uma transição simples e de fácil aceitação por aqueles que estão acostumados a esse modelo de trabalho.

No entanto, não são todos os cursos de mestrado acadêmico que exigem uma dissertação como único produto final do curso. Embora todos tenham como pré-requisito para sua conclusão que o aluno tenha realizado um trabalho e que essa produção seja

apresentada em formato de dissertação, nem sempre isso ocorre de modo similar ao modelo tradicional com o qual estamos habituados.

Basta comparar os produtos finais dos cursos de mestrado acadêmico em áreas de Letras e de Tecnologia, por exemplo. No primeiro caso, como um breve levantamentoⁱⁱⁱ pode demonstrar, encontramos uma maioria de dissertações cujo produto final é a própria dissertação e não há um resultado além do que está sendo apresentado ali. Uma pesquisa é elaborada, aplicada, tem seus resultados analisados e o intuito final disso tudo é apresentar esse processo em uma dissertação.

No segundo caso, é possível encontrar muitos trabalhos em que o produto final não é a própria dissertação, mas uma produção que foi realizada com um objetivo específico de extensão ou ensino. É o caso de jogos, vídeos, *sites* e aplicativos que são criados com objetivo de divulgação de algum tema ou como auxiliares do aprendizado de alunos dos ensinos fundamental e médio, ou até mesmo, de graduação. Nesse caso, o que temos é um verdadeiro produto final criado para atender a uma demanda específica e que possui "vida própria", sem a necessidade da dissertação para existir.

O que estamos propondo com essas discussões é que a estrutura de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação deveria ser menos visada em comparação ao seu objetivo final. Como exemplo, apresentaremos um trabalho de mestrado acadêmico que buscou promover a popularização da ciência, obedecendo ao princípio de indissociabilidade e indo contra a ideia de uma dissertação com um fim em si mesma.

3. A UTILIZAÇÃO DE UM *SITE* COMO MEIO DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Diante das considerações expostas anteriormente, cabe a nós, linguistas, buscar colocar em prática os conceitos abordados, pois apenas teorias e ideias no plano do abstrato não são suficientes para solucionar os problemas relacionados à divulgação dos resultados de pesquisa. Portanto, apresentamos aqui um trabalho realizado com o objetivo de (i) buscar atender ao princípio de indissociabilidade; (ii) questionar a ideia de que um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação deve ser uma dissertação ou tese; e (iii) proporcionar um diálogo entre academia e sociedade, especificamente, no âmbito da Sociolinguística.

Seguindo esse caminho, o trabalho aqui descrito teve por finalidade a criação de um *site* de compilação de materiais (textos, imagens e vídeos) sobre conceitos sociolinguísticos e o tema preconceito linguístico, buscando preencher uma lacuna no que concerne a novos materiais e suportes de divulgação sobre o assunto para a sociedade e tentando alcançar um público mais amplo e diversificado.

Empenhando-nos em seguir o princípio de indissociabilidade, tivemos como objetivo unir a pesquisa, a partir de conceitos e de informações oferecidos pela sociolinguística; a extensão, ao levar esses conhecimentos às pessoas de um modo geral, com o uso de suportes comumente utilizados na internet, como o próprio *site*, uma página na rede social *Facebook* e canais de vídeos no *YouTube*; e o ensino, ao promover materiais que possam

contribuir para a discussão do tema em sala de aula, seja para a formação de professores, seja para a discussão entre professores e seus alunos. O *site* em questão (figura 1) pode ser acessado pelo endereço <<http://www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com>>.

Figura 1

Página inicial do *site* “Pelo fim do preconceito linguístico”



Fonte: <<http://www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com>>

Entre os materiais compilados, se encontram aqueles que são de nossa autoria, porém, há ainda materiais de diversas outras fontes, como de alunos de graduação em Letras da UERJ, vídeos interessantes encontrados no *site YouTube*, textos livremente divulgados na

internet e materiais diversos produzidos por alunos, professores ou pessoas interessadas no assunto.

Por ser um *site* que busca ampliar a circulação de determinado conhecido a um grande público, a linguagem utilizada nos textos e materiais publicados é mais simples, informal e com frequentes marcas de oralidade. Dessa maneira, objetivamos criar uma aproximação com o usuário do *site*, fazendo com que se sinta confortável e interessado em buscar mais informações sobre o tema.

3.1. Estrutura e conteúdos do site

O *site* foi dividido em oito páginas: quatro principais e quatro complementares. A primeira das páginas principais é a chamada Informação, na qual o visitante encontra informações gerais a respeito do tema, por meio de um texto que busca seguir um caminho que explica como surgiram as primeiras ideias da Sociolinguística, suas pesquisas, objetivos e conclusões, e como tudo isso culminou em todo um projeto para combate ao preconceito linguístico. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica que nos serviu de base para a escritura desse e de outros textos, sendo esses textos adaptados e resumidos de modo a se adequarem ao contexto de uma página virtual.

O objetivo dessa página é apresentar o plano de fundo por trás da função do *site*, de modo a explicar como o assunto preconceito linguístico surgiu e quais são as bases

científicas que regem o nosso projeto. Os textos, como já mencionamos, são curtos e simplificados, e o visitante encontra, ainda, indicações de livros sobre o tema e *links* para os *sites* de professores da área, das principais associações de Linguística do Brasil e de alguns projetos realizados na área de Sociolinguística, além de indicações de artigos e textos que discutem o assunto, selecionados na internet.

Na segunda página principal, chamada Diversão, o visitante encontra um acervo de vídeos sobre o tema preconceito linguístico. Alguns dos vídeos são de produção própria; outros, frutos de trabalhos em conjunto com colegas da área. Há ainda materiais feitos por alunos de turmas de Linguística I da UERJ, vídeos realizados por bolsistas de projetos de extensão da mesma universidade, e vídeos encontrados no *site YouTube* criados por adolescentes, adultos, alunos de ensino médio e de graduação de diversos lugares do país. É importante ressaltar que o conteúdo dos vídeos também é simplificado, pois seu objetivo é chamar a atenção do espectador para o tema, incitando sua curiosidade e promovendo reflexões, ainda que básicas, a respeito do assunto.

A terceira página principal do *site* possui o nome de Interação e, como o próprio nome já diz, existe para promover contato com os visitantes. Nessa página, podemos encontrar: um e-mail de comunicação exclusivo, um *link* para uma página na rede social *Facebook*, um *link* para um fórum criado especificamente para uso no *site* e, ainda, instruções de como o visitante deve proceder para enviar seus próprios materiais e trabalhos, que podem vir a fazer parte dos materiais do portal.

Com este tipo de iniciativa, que permite a participação das pessoas, tanto em comentários como em envio de materiais, buscamos, além de ampliar a circulação de saberes, dar voz ao outro, entendendo-o como aquele que não está inserido no ambiente acadêmico e que, portanto, pode ter visões diferentes e até mesmo opostas às nossas. Muito embora esse trabalho seja uma tarefa difícil de realizar, acreditamos ser necessária essa aproximação e esse diálogo, uma vez que os internautas são os principais beneficiados em nossa busca por uma conscientização sobre o preconceito linguístico e suas consequências.

Para tornar a interação ainda mais fácil, em todas as páginas do *site* foi incluído um plug-in de comentários do *Facebook*. Por meio desse instrumento, qualquer pessoa pode fazer seu comentário diretamente no *site*, bastando estar conectado à rede social, podendo, ainda, publicar seu comentário também em seu próprio mural no *site* de relacionamentos.

A última página principal do *site* tem como finalidade apresentar as referências bibliográficas utilizadas para a elaboração do conteúdo textual das páginas. Por esse *site* ter sido um trabalho vinculado a um projeto de curso de mestrado, a página de referências destinou-se a ser uma constatação de que os conteúdos apresentados foram baseados em trabalhos científicos sérios, de modo a dar mais validade ao que está sendo exposto e, ao mesmo tempo, esclarecer que tudo fora retirado de fontes confiáveis.

Além dos menus principais, foram incluídas no *site* quatro páginas complementares, com temas que acreditamos serem importantes e que esclarecem questionamentos que o

visitante pode ter a respeito do assunto. A primeira delas – e mais importante – explica o que é o preconceito linguístico, fazendo uma complementação ao que é abordado na página Informação. A segunda, por sua vez, apresenta uma cartilha criada com o intuito de propagar uma mensagem anti-preconceito, e as duas últimas tratam de assuntos similares: a polêmica ocorrida em torno do livro didático da série “Por uma vida melhor” e uma breve discussão a respeito do ensino de português a partir de uma visão da Sociolinguística. Todos os textos são de autoria própria.

Como forma de complementar o trabalho realizado com o *site*, foi criada uma página homônima na rede de relacionamentos *Facebook*^{iv}, na qual conteúdos interativos e divertidos são compartilhados, de modo não somente a conquistar a atenção dos visitantes, mas também despertar o interesse das pessoas para o assunto. A página Pelo Fim do Preconceito Linguístico já conta com mais de 2.300 curtidas, além de diversos compartilhamentos e comentários.

A ideia de utilizar essa rede de relacionamentos surgiu devido à percepção de o *Facebook* ser hoje um dos meios mais comuns de compartilhamento de ideias e de interação entre as pessoas, sendo frequentado por indivíduos de diferentes classes sociais, idades, gêneros e escolaridades, o que faz com que o nosso trabalho possa ser levado a uma parcela ainda maior da população. Com a ajuda da configuração do próprio *Facebook*, que permite que as postagens sejam curtidas, comentadas e compartilhadas, conseguimos realizar um trabalho de circulação do conhecimento sociolinguístico de modo mais democrático, pois os conteúdos postados não estão restritos somente àqueles que acompanham a página, mas

também aos seus amigos, alcançando cada vez mais pessoas de modo indireto, porém, eficaz no que concerne à apresentação do tema.

3.2. Avaliação do site e seus resultados

De modo a avaliar a eficácia do trabalho em questão e os aspectos relativos ao conteúdo e à estrutura do portal, três grupos de pessoas responderam um questionário alocado na ferramenta *Google Docs* após visitarem o *site* e suas páginas. O primeiro grupo foi formado por quatro profissionais do magistério, enquanto o segundo foi composto por sete alunos de uma turma de Linguística I da UERJ de 2015. O terceiro grupo, por fim, teve 35 participantes de um público geral, sem quaisquer requisitos para participação.

Os questionários apresentados aos grupos para avaliação eram compostos, em sua maioria, por questões de múltipla escolha com possibilidade de marcação de apenas uma alternativa. Para classificar as respostas dos participantes dos três grupos de avaliadores, utilizamos a escala *Likert*, que é comumente empregada em pesquisas de opinião. O objetivo dessa escala é determinar o grau de concordância do respondente com as afirmações apresentadas, que pode variar entre concordar totalmente, concordar parcialmente, ser indiferente, discordar parcialmente e discordar totalmente.

Além das questões de múltipla escolha, analisadas quantitativamente, tivemos ainda nos questionários aplicados aos profissionais e aos alunos duas questões abertas que

objetivaram receber opiniões, críticas, sugestões e ideias para a melhoria do *site*. As respostas dessas duas questões foram analisadas qualitativamente, sendo levadas em consideração as sugestões julgadas pertinentes e tendo sido feitas as mudanças necessárias apontadas antes da avaliação do público em geral.

Os três questionários foram similares e objetivavam verificar determinados tópicos considerados importantes para a eficiência do *site*. Nossos resultados demonstraram que o projeto em questão foi bem-sucedido, pois cumpriu com seu objetivo de promover uma divulgação acessível sobre o tema preconceito linguístico e sobre conceitos e propostas da Sociolinguística.

Os três grupos, em sua maioria, aprovaram o *site* em todos os aspectos, tendo sido, inclusive, muito elogiado pelos avaliadores dos dois primeiros grupos por meio dos comentários nas questões dissertativas. No terceiro grupo, as opiniões positivas não foram menores do que 77% em nenhuma das afirmativas, demonstrando que não somente professores e alunos de Letras podem fazer uso do *site* e de seus materiais, e alcançando, assim, nosso ideal de promover um trabalho voltado para todos, e não somente para grupos seletos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito foi demonstrar que é possível realizar um trabalho de popularização da ciência eficaz e adequado a um público não-acadêmico. Muito embora esse tipo de trabalho não seja ainda tão valorizado quanto os destinados somente à pesquisa, é de extrema necessidade que haja cada vez mais pesquisadores dedicados a realizar projetos que envolvam algum tipo de intervenção na sociedade.

Obtivemos bons resultados com nosso trabalho, exemplificados não somente com os questionários, mas também com comentários que recebemos por meio das redes sociais nas quais o material foi divulgado, o que nos levou a crer que o objetivo de proporcionar uma divulgação do tema preconceito linguístico de modo amplo e acessível foi cumprido.

Agora no âmbito do Doutorado, temos por ideal continuar a buscar uma maneira eficiente de promover a popularização da ciência, sempre levando em consideração o princípio de indissociabilidade e questionando as tradições que ainda vivenciamos na pós-graduação, além de promover discussões e reflexões a respeito do verdadeiro objetivo de um pesquisador.

Salientamos, por fim, que, em nossa concepção, embora o trabalho do pesquisador formal e dos estudiosos que propõem teorias enriqueça nossas ideias e produza novos conhecimentos e descobertas, isso não deve ser restringido a apenas um fim em si mesmo. Afinal, para que(m) serve o nosso conhecimento, se não para a sociedade?

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Thayane Santos. *A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um site como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010 [1997].

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1999].

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 140 p., 1988.

CHARITY, Anne. Linguists as agents for social change. *Language and linguistics compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (BRASIL). Anexo da Resolução no 043/2012, de 15 de maio de 2012. Regimento do Profletras.

Disponível em: < <http://profletras.paginas.ufsc.br/files/2013/08/Regimento-Geral-PROFLETRAS-UFRN.pdf> >. Acesso em: 20 de Jul 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 248. Seção I, p. 20.

ROCHA, Decio; DEUSDARÁ, Bruno. Coletivos de trabalho, espaços de discussão e avaliação docente em programas de pós-graduação stricto sensu. *Eutomia*, Recife. v. 8. p. 179-202, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977 [1916].

WOLFRAM, Walt. Scrutinizing linguistic gratuity: issues from the field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 2, n. 2, p. 271-279, 1998.

Recebido em 1º de agosto de 2017.

Aceite em 4 de novembro 2017.

Como citar este artigo:

ANTUNES, Thayane Santos. O que começa na sociedade, para ela deve retornar: a popularização da ciência por meio de um *site* sobre sociolinguística. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 25, jul.-dez. 2017, pp. 289-309. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num25/dossie/palimpsesto25dossie05.pdf> >. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

ⁱ Um exemplo de como o preconceito linguístico ainda é algo recorrente e cotidiano está nos vídeos divulgados pela *Youtuber* Marcela Tavares. Em um deles, que possui mais de 1 milhão de visualizações, a atriz aparece criticando construções da norma não-padrão, ofendendo as pessoas que fazem uso dessas construções e, segundo ela, ensinando a maneira “correta” de falar/escrever. Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo (acesso em 20 jul 2017)

ⁱⁱ Um resumo do caso pode ser encontrado no link: <http://www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com/livro-didatico.html> (acesso em 20 jul 2017)

ⁱⁱⁱ Uma breve pesquisa nos bancos de teses das principais universidades brasileiras, como Unicamp, USP, UFRJ e UERJ, é suficiente para confirmar a afirmação em questão.

^{iv} A página pode ser acessada através do endereço <https://www.facebook.com/PeloFimdoPreconceitoLinguistico>